

**A SEMANA – 231\***

1º de novembro de 1896

O pão londrino está tão caro como a nossa carne, e na Inglaterra não falta ouro, ao que parece. Em compensação, se o pão dobrou de preço, os nossos títulos baixaram mais, como se houvésemos de pagar a diferença do valor do trigo. Tudo afinal cai nas costas do pobre; digo pobre, não porque não sejamos ricos de sobejo, mas é que a riqueza parada é como a ideia que o alfaiate de Heine achava numa sobrecasaca;<sup>1</sup> o principal é aventá-la e pô-la em ação. Entretanto, não sendo verdade que o mal de muitos seja consolo, como quer o adágio, importa-nos pouco ou nada que o pão custe caro em Londres, se nos falta, além da carne, o ouro com que mercá-la.

Se o mal dos outros não nos consola, é certo que a lembrança do bem dá certa alma nova. Nestes dias de escasso dinheiro é doce reler aquele discurso que o Dr. Ubaldino do Amaral proferiu no senado, no mês de agosto de 1892.<sup>2</sup> S. Ex. analisou o projeto de um banco emissor, no qual havia este artigo: “Fica o banco autorizado antecipadamente a fazer uma emissão de trezentos mil contos de réis.” Escrevi por extenso a quantia, para que não escape algum erro; mas, como a fileira dos algarismos dá mais na vista, aqui vai ela: 300.000:000\$000. É um regimento; o 3, bem observado, parece o coronel; o cifrão é o porta-bandeira. Valha-me Deus! creio até que ouço a marcha dos algarismos; leiam com ritmo: trezentos mil contos, trezentos mil contos, trezentos mil contos...

É verdade que o senado, ouvindo a revelação do senador, exclamou espantado: Santo Deus! O que não está claro é qual haja sido o sentimento da exclamação.

---

\* Esta edição foi preparada a partir da consulta às seguintes fontes: GN (ano XXII, n. 306, p. 1, 1º nov. 1896) e SEM1953 (v. 3, p. 315-321). Texto-base: GN. Editor: Gilson Santos. Revisor: José Américo Miranda.

<sup>1</sup> sobrecasaca;] sobrecasaca: – em SEM1953. Heinrich Heine, poeta alemão, é frequentemente citado por Machado. Essa mesma frase, em alemão, aparece no conto “Sales” (1887). Em nota a esse conto, a equipe editorial responsável pelo *site Machadodeassis.net* informa: “A frase de Heine (1797-1856) está no capítulo 14 do livro *Ideen. Das Buch Le Grand (Ideias. O livro Le Grand)*, que faz parte de *Quadros de viagem (Reisebilder)*. Traduzindo: ‘Há [encontram-se] algumas boas ideias neste casaco [jaquetão, sobrecasaca].’” Disponível em: <<https://machadodeassis.net/texto/sales/58949/>>. Sobre essa citação de Heine, ver, também, MACHADO, 2021, p. 34, verbete “Alemão”.

<sup>2</sup> Ubaldino do Amaral Fontoura (1842-1920), advogado e político republicano, foi eleito senador em 1892. Renunciou em 1894 para assumir o cargo de ministro do Supremo Tribunal Federal. (Ver FRANCO, 2007, p. 229). Não localizamos o discurso a que se refere o cronista.

Assombro, decerto; mas vinha ele da imensidade da quantia, não obstante andarmos, o senado e eu, afogados em milhões, ou era antes uma expressão de escárnio por achar escassa a emissão antecipada? Trezentos mil contos! Mas quem é que por aqueles tempos não tinha trezentos mil contos? Se os não tinha, devia-os a alguém, que era a mesma coisa. Nem sei se era ainda melhor devê-los que possuí-los.<sup>3</sup>

Não me lembro bem agora do preço da carne e do pão; mas, qualquer que fosse, como o dinheiro era infinitamente maior, não havia que gemer nem suspirar, era só comer e digerir. Essas notas de bancos emissores, que por aí andam surradas, rasgadas, emendadas, consertadas com pedacinhos de papel branco, estavam na flor dos anos, novinhas em folha, com as letras ainda úmidas do prelo. Vi-as chegar, catitas e alegres, como donzelas que vão ao baile para dançar, e dançaram que foi um delírio. Eram valsas, polcas, quadrilhas de toda casta, francesas, americanas, de salteadores, toda a coreografia moderna e antiga. Segundo aquela chapa que as gazetas trazem já composta para concluir as notícias de festas, “as danças prolongaram-se até o amanhecer.”<sup>4</sup> As belas emissões foram dormir cansadas, sonhando com ouro, muito ouro.

Recordar tudo isso com este câmbio a 8 e menos de 8, que uns acham natural, outros postiço, não se pode dizer que não seja agradável. A memória revive o espetáculo. Nem foi há tanto tempo que não ouçamos ainda os ecos da orquestra e o rumor dos passos... Os espetáculos remotos dão o mesmo efeito, mas a tristeza cede ainda mais à doçura, e a alma transporta-se quase integralmente aos tempos acabados. Quero referir-me à narração que a *Notícia* está fazendo de coisas antigas,<sup>5</sup> não sei se por um, se por muitos colaboradores, mas muitos que sejam, é certo que são todos homens maduros, se já não caíram do pé.

Conta aquela folha as águas passadas<sup>6</sup> desta cidade, com tal minudência, que parece estar vendo-as. Quando eu era pequeno, conheci homens de certa idade que, por tradição, falavam das *águas do monte*, um dilúvio que aqui houve no tempo de D. João VI;

<sup>3</sup> Efeitos de Encilhamento. Sobre isso, ver “A Semana – 184”, nota 5, e “A Semana – 192”, nota 8, ambas neste número da *Machadiana Eletrônica*.

<sup>4</sup> Nos periódicos cariocas, na década de 1890, encontram-se ocorrências várias desta frase (por vezes, com pequenas diferenças). A título de exemplo: “seguiram-se as danças, que se prolongaram animadamente”. (*Gazeta de Notícias*, ano XXII, n. 224, p. 2, col. 2, 11 ago. 1896)

<sup>5</sup> À época em que Machado de Assis escreveu esta crônica, o periódico carioca *A Notícia* estava publicando matérias em uma coluna intitulada *Au jour le jour* que, frequentes vezes, versavam sobre acontecimentos passados no Rio de Janeiro e personalidades históricas.

<sup>6</sup> águas passadas: essa expressão apresenta duplo sentido na crônica – “acontecimentos passados” e “chuvas que causaram inundações no passado”. A história do Rio de Janeiro é marcada por chuvas e inundações que provocavam vários “dilúvios” – desabamento de casas, alagamento de ruas, destruição do comércio, problemas de transporte, doenças, etc. Há registros de enchentes, desde princípios do povoamento da cidade do Rio de Janeiro, em fontes várias. Há notícias de que chuva, precedida por ventos fortíssimos, atingiu o Rio de Janeiro em abril de 1756, provocando inundações em toda cidade, desabamento de casas e mortes. No século XIX, aconteceram várias enchentes famosas (1811, 1833, 1862 e 1864): a principal delas foi a de fevereiro de 1811, conhecida como “águas do monte”, pela destruição parcial do morro do Castelo; outra enchente histórica foi a de 1864, que ficou conhecida como “chuva de pedra” (chuva de granizo) – ela destelhou casas, provocou inundações e mortes. (Cf. MAIA, 2014, p. 247-274) Esse assunto – chuvas fortes que causavam inundações – é frequente em crônicas de Machado de Assis.

afinal ninguém mais falou nelas, e foi um alívio para aqueles outros mais velhos, que seriam pequenos quando elas caíram. A cantiga popular ainda as conservou por anos;<sup>7</sup> mas a cantiga seguiu o exemplo das águas, e foi atrás delas. As que a *Notícia* revive nos últimos dias, são as da primeira imprensa periódica e as do finado Alcazar.<sup>8</sup>

Aquelas não são comigo; não conheci essa multidão de gazetas e gazetinhas, cujos títulos hão de interessar os Taines do próximo século. Dão eles a nota dos costumes e da polêmica. Quanto ao número, quase que era uma folha para cada rua. Toda a gente sentia necessidade de dizer coisas aborrecíveis ou agudas, divulgar alcunhas e mazelas, ou, para usar a expressão vulgar e enérgica, “pôr os podres na rua a alguém.” Partidos, influências locais, simples desocupados, simplíssimos maldizentes, vinham de mistura com almas boas e chãs, que não inventaram folhas senão para ensaiar os voos poéticos ou dizer em prosa palavrinhas doces às moças; doces não, adocicadas.<sup>9</sup>

As recordações do Alcazar estão mais perto, e são coisas sabidas; mas não se trata só de coisas sabidas, trata-se também de coisas sentidas, que é diferente; nestas é que as memórias velhas trajam roupas novas, e as árvores secas e nuas reverdecem de repente, como sucede em outros climas. Talvez aquela gente e aquelas coisas não

<sup>7</sup> Na coluna “Au jour le jour”, de *A Notícia*, de 11 de novembro de 1896, vêm alguns versos de uma cantiga que menciona a expressão “água do monte”. Ver ilustração ao final desta crônica.

<sup>8</sup> Alcazar: grafamos a palavra como está na *Gazeta*; hoje se escreve “Alcázar”. O cronista se refere ao “Alcazar Lírico”, “casa de espetáculos, no estilo dos cafês-concertos franceses, fundada pelo francês Arnaud, em 1857, na rua da Vala (atual Uruguaiana), n. 47-51.” (MACHADO, 2021, p. 33) Havia, também, já desaparecido na década de 1890, o periódico carioca *O Alcazar: Revista Semanal Literária, chistosa e ilustrada*. O primeiro número, cujos redatores são Cirilo Pessoa e César Muniz, é de 1871.

<sup>9</sup> As palavras desse parágrafo procedem com toda clareza da coluna “Au jour le jour – As primeiras revistas”, publicada em *A Notícia* de 31 de outubro de 1896. Diz lá a coluna: “Nesse ano [1832] cresceu ainda a lista dos jornais, publicando-se, além dos conhecidos que sobreviviam: – *Sete de Setembro, Burro Magro, Brasileiro Pardo, Brasil Aflito, Limão de Cheiro, Babosa, Marmota, Hospital Fluminense, Arca de Noé, Bem-te-vi, Formiga, Nacional, Restaurador, Mineiro no Rio, Militar, Mestre José, Loja de Belchior, Liberdade Legal, Meia Cara, Caolho, Carioca, Inferno, Idade de Pau, Homem de Cor, Guarda Nacional, Grilo dos Oprimidos, Cabrito, Cidadão Soldado, Andradista, Adotivo, Esbarra, Papeleta, Verdadeiro Caramuru, Torre de Babel, Rusguentinho, Obras de Santa Engrácia, Par de Tetas, Pacote de Portugal, Tamoio Constitucional, Ímã, Tiro de Artilheria e Pedro II.* / No meio dessa chusma de periódicos distinguiu-se em 1833 uma publicação de caráter utilitário e prático. A *Sociedade Auxiliadora da Indústria Nacional*, fundada em 1829, começa a sua revista com o mesmo nome da associação, que aliás menos se ocupava a princípio da indústria que da lavoura. / [...] / Extensa por demais é a lista dos jornais que de 1834 a 1848, inclusive, publicavam-se nesta cidade; posto a tenhamos à nossa disposição não ousamos dá-la, bastando-nos dizer que o número só dos nascidos nesse período de quinze anos eleva-se a 210, dentre os quais devem ser apontados pela extravagância de seus nomes: – *Os Ratos em Movimento, A Rolha, A Sova, A Urtiga, O Bacorinho, O Filho da Joana, A Rusga da Carioca, O Ladrão, O Sapateiro Político, Os Dois Pimpões, O Compadre de Itu, O Capadócio, O Sorvete do Bom Gosto, A Mutuca Picante, O Farricoco, Pato Macho, Fuzil, Judas Político, Judas Iscariote, Maribondo, Cascalho, Catuca, Sino dos Barbadinhos, Torre da Candelária, Raio, Pregão de Catucá, Saquarema, Por Aqui, Carranca, Desengano das Papeletas, Diabo no Mundo, Lustre de Teatro, Moleque, Pica-Pau e Barriga.*” Há outras quatro colunas (“Au jour le jour”), em *A Notícia*, nos dias 23-24 de setembro, e 4, 16 e 22 de outubro, sobre a imprensa no Brasil, todas assinadas por Flumen Júnior (pseudônimo).

valessem nada, como quer a *Notícia*, mas lembrai-vos da pergunta de Dante... Não, não; deixemos os versos divinos do poeta. O que eu queria dizer, era por alusão ao tempo da adolescência e da mocidade, não só o dos *dolci sospiri*, como o da sua rima *dubbiosi desiri*.<sup>10</sup> Não caberia aqui contar como Francesca:

Questi che mai da me non fia diviso,<sup>11</sup>

visto que o tempo e o cansaço, que são a melhor polícia das ruas desta vida, dispersaram o<sup>12</sup> ajuntado e desfizeram a multidão com pouco mais do que é preciso para contá-lo aqui. Segredos da natureza.

Os dos homens são menos escuros, mas também duram menos. Ninguém ignora que nesta cidade os segredos fazem a sua hora de rua do Ouvidor, todos os dias, entre quatro e cinco. É uso antigo; raros se deixam estar em casa. Ainda agora andaram por aí dois, acerca da operação do presidente da República;<sup>13</sup> um dizia que esta se faria depois do dia 7, outro que depois do dia 15 de novembro. Embora os dois virtualmente se desmentissem, não se zangavam nem se descompunham; quando muito, piscavam o olho ao público, dando de cabeça para o lado do contrário, sorrindo. Era esse modo de avisar: “Não acreditem no que ele diz; é um boato disfarçado.” No mais, risonhos, palreiros, falando uma ou outra vez ao ouvido, mas sem cochicho, no tom geral da conversação.

Enquanto eles andavam na rua, às escâncaras, havia um terceiro segredo, que não aparecia a ninguém, nem dizia palavra. Os outros dois chegaram a ir às imediações do morro do Inglês; vi-os ambos, no próprio dia da operação, à noite, em casa que fica pouco abaixo do morro, insistindo convencidamente nas datas de 7 e de 15; mas já então a operação estava acabada, com o resultado que sabemos. O grão de areia de Cromwell,<sup>14</sup> por não vir a lume, produziu os efeitos que Pascal resumiu em dez linhas

<sup>10</sup> *A divina comédia*, de Dante Allighieri (*Inferno* V, 118-120 [2008, p. 53]): “Ma dimmi: al tempo d’i dolci sospiri, / a che e come concedette amore / che conoscesti i dubbiosi disiri?”; (“mas diz [Francesca]: dos suspiros no momento, / com que e como concedeu-te amor / do secreto desejo o entendimento?” – tradução de Italo Eugenio Mauro).

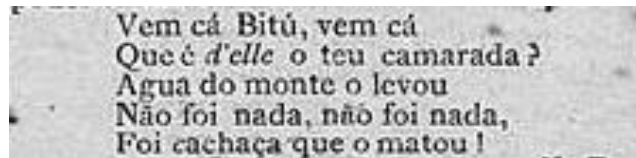
<sup>11</sup> Fala da personagem Francesca em *A divina comédia*, de Dante Allighieri (*Inferno* V, 135 [2008, p. 54]): “este, que nunca seja-me apartado” (tradução de Italo Eugenio Mauro).

<sup>12</sup> dispersaram o] dispersar amo – em GN.

<sup>13</sup> Prudente de Moraes (1841-1902), primeiro presidente civil da República (15 nov. 1894 – 15 nov. 1898). Afastou-se da presidência, entre nov. 1896 e mar. 1897, para submeter-se a uma cirurgia. Nesse período, assumiu o vice-presidente, Manuel Vitorino Pereira (1853-1902).

<sup>14</sup> A expressão – “grão de areia de Cromwell” – “refere-se à *pequena causa que produz enorme efeito*. [...] Há registros que afirmam ser a causa da morte dele [Oliver Cromwell (1599-1658), militar e político inglês] um desconhecimento de todos. Mas segundo o matemático, físico, filósofo, inventor e teólogo católico francês Blaise Pascal (1623-1662), o militar morreu porque um grão de areia entrara em sua uretra. Se isso não tivesse ocorrido ele teria destruído a cristandade, a família real e se tornado muito poderoso.” (AZEVEDO, 2020, p. 78)

do seu grande estilo; este outro, maior que aquele, acertou de ser contemporâneo da cirurgia moderna, e não complicou doença com política.



**Versos de uma cantiga popular**

FONTE: *A Notícia*, ano III, n. 269, p. 1, 11 nov. 1896.

**Lista das abreviaturas empregadas nesta edição**

GN – *Gazeta de Notícias*.

SEM1953 – *A Semana*, edição W. M. Jackson, 1953, 3v.

**Referências**

ALIGHIERI, Dante. *A divina comédia*. Inferno. Tradução e notas de Ítalo Eugênio Mauro. São Paulo: Ed. 34, 2008.

ASSIS, Machado de. *A Semana*. *Gazeta de Notícias*, Rio de Janeiro, ano XXII, n. 306, p. 1, 1º nov. 1896. Disponível em: <[http://memoria.bn.br/docreader/DocReader.aspx?bib=103730\\_03&pagfis=15187](http://memoria.bn.br/docreader/DocReader.aspx?bib=103730_03&pagfis=15187)>.

ASSIS, Machado de. *A Semana*. Revisão crítica e notas de Aurélio Buarque de Holanda. Rio de Janeiro: Jackson, 1953. v. 3 (1895-1900).

ASSIS, Machado de. *Obra completa em quatro volumes*. (Org.) Aloizio Leite, Ana Lima Cecílio, Heloísa Jahn. 2. ed. Rio de Janeiro: Nova Aguilar. 2008. 4v.

AZEVEDO, Wagner. *Dicionário de plantas com outros significados: Registrados nas Literaturas Brasileira e Portuguesa, em Letras da MPB e nas Histórias em Quadrinhos*. Paraná: Editora Moan, 2020.

FRANCO, Gustavo H. B. *A economia em Machado de Assis: o olhar oblíquo do acionista*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2007.

MACHADO, Ubiratan. *Dicionário de Machado de Assis*. 2. ed. Rio de Janeiro: ABL, 2021.

MAIA, Andréa Casa Nova. Imagens de uma cidade submersa: o Rio de Janeiro e suas enchentes na memória de escritores e fotógrafos. *Escritos*, Rio de Janeiro, Fundação Casa de Rui Barbosa, ano 6, v. 6, p. 247-274, 2014.

VOCABULÁRIO ortográfico da língua portuguesa. 5. ed. Rio de Janeiro: Academia Brasileira de Letras, 2009. Disponível em: <<https://www.academia.org.br/nossa-lingua/busca-no-vocabulario>>.